

INSPIRANDO NOVOS LEITORES

A HISTÓRIA DE MARIELLE FRANCO



**Entrevista com a autora
Pamella Passos**

A entrevista realizada para o Dicionário de Favelas Marielle Franco realizada no dia 26 de fevereiro na Fundação Oswaldo Cruz, na qual a autora do livro, Pamella Passos, compartilhou detalhes sobre o processo de escrita, a importância da memória

de Marielle e o impacto que essa biografia pode ter para crianças e adolescentes.

A publicação busca levar a história de Marielle para as novas gerações, mostrando que a favela, a resistência e a esperança caminham juntas.



O Livro escrito por Pamella Passos e ilustrado por Yasmin Celeste apresenta é biografia infantojuvenil sobre Marielle Franco, um material fundamental para a educação antirracista e a valorização da memória de lideranças negras e periféricas.

Da esquerda para a Direita: Gabriel Nunes, Caíque Azael, Pamella Passos, Flavinha Cândido e Hugo Oliveira.

Somando-se a outras biografias – como de Martin Luther King e Malala Yousafzai, a publicação inscreve-se em um contexto de disputa global sobre a memória e história de grandes lideranças que dedicaram as vidas à luta por justiça social. Marielle é a primeira brasileira a fazer parte dessa coletânea e, não por caso, é uma mulher preta, favelada, LGBTIA+ e socialista. O lançamento do livro, previsto para março de 2025, marca um compromisso com a preservação da memória de Marielle e com as lutas por justiça, considerando que em 14 de março de 2025 atingimos a marca de 7 anos do assassinato de Marielle e Anderson.



Transcrição Completa da Entrevista

Caíque

Eu posso? Então, acho que podemos começar. Flavinha vai conduzir mais geral primeiro.

Flavinha

Eu sou Flavinha Cândido, faço parte hoje da pesquisa do Dicionário de Favelas Marielle Franco e de tudo que tem a ver com Marielle.

Principalmente agora, acabando fevereiro, iniciando março, a gente tenta potencializar dentro do Dicionário de Favelas Marielle Franco, que faz parte do Wikifavelas, que está ali aberto a todo o público, mas principalmente ao público favelado. É um espaço de memórias e de memórias vivas, e de memórias sem fake news.

Professora Pamella Passos, você como uma amiga, comadre da Mari, e esse exemplar maravilhoso sobre uma história lúdica e verdadeira de Marielle, a gente não podia deixar de pensar em um verbete. E não só um verbete sobre o livro, mas um verbete a partir da sua essência, a partir dessa construção.

E também num local sentimental, né? Da potência que foi todo o trabalho da Mari, que é gigante, mas num lugar de memória viva, não só no lugar da execução. Então, é um prazer te receber aqui na nossa sala, na sala Cleo, que a gente ocupa dentro do Campus Maré da Fiocruz.

Muito prazer em te receber aqui. Queria que você falasse um pouquinho de você, e logo em seguida, falasse da sua relação com a Mari. E aí, depois, a gente vai conversando, tá? A equipe de verbetes está aqui, mas também está a nossa coordenadora geral, a Sônia.

Então, a gente vai te fazer algumas perguntas. Depois, a gente vai transcrever todo esse conteúdo e trabalhar em cima de um lindo verbete, assim como é lindo o seu livro.

Pamella

Obrigada, Flavinha.

Eu quero agradecer muito o convite de vocês e dizer que não é acaso essa ser a minha primeira entrevista presencial sobre o livro. Eu só tinha feito uma entrevista online.

E ser aqui, no Dicionário de Favelas, ser contigo, Flavinha, uma pessoa que compartilhou todos os sonhos daquela campanha de 2016, do que foi a mandata... Nós fomos interrompidas, mas seguimos do nosso jeito.

E estar aqui com você, com a própria Sônia, nessa construção colaborativa, acho que faz muito sentido. Esse livro também é um pouco sobre isso.

A ideia do livro é focar num público que, quem conhecia a Mari, sabe que ela gostava. Ela gostava desse público infantil, infantojuvenil. Gostava de ir para escolas. Ela era muito colorida.

Então, é um livro bem colorido, e tem uma história que reflete muito uma preocupação que eu tinha com minha filha, que era afilhada da Marielle, a Cecília.

Pamella

E também com as muitas afilhadas e afilhados da Marielle lembrarem mais do que fizeram com ela, lembrarem de como ela era, do que ela fez.

Poder contar essa história, poder contar essas histórias com cores, com etapas da vida dela, foi uma oportunidade que veio através de um convite do Instituto Marielle Franco, do qual sou conselheira, e da família.

Então, é importante dizer que essa construção foi feita junto com a família, foi feita junto com o Instituto Marielle Franco. Uma parte da renda desse livro será destinada pelo Instituto.

Isso também faz parte de uma construção de memória. Uma construção de memória com responsabilidade. Assim como o Dicionário fez. O Dicionário já existia, mudou de nome e homenageou a Marielle.

Eu lembro de todo esse processo. Então, para mim, é muito bom estar aqui com vocês nessa construção.

Caíque

Acho bem legal também, só um comentário... Sou Caíque, estou na coordenação do nosso Dicionário. A gente acaba de completar cinco anos também. Agora, no final do ano, fizemos um esforço analítico de olhar para tudo que foi feito ao longo desses cinco anos. E tem sido interessante acompanhar a diversificação das atividades. Mas algo que nos dá muita alegria é ver como algumas bandeiras de luta que a própria Marielle e todo o movimento levantaram continuam sendo acompanhadas. Então, quando recebemos a notícia do lançamento do livro, ficamos super animados. Porque toda iniciativa de preservação, como você estava falando...

Pamella

Pois é, ele surgiu exatamente assim, como uma tarefa de tentar escrever além da academia.

Tenho uma formação acadêmica, mestrado, doutorado... E sempre tive uma preocupação de escrever para todo mundo.

A Pamella acadêmica, a Pamella da APAFunk, a Pamella sindicalista. Isso, na fala, é mais tranquilo de fazer, mas quando você precisa escrever para esse público, é um desafio.

Minha filha foi uma parceira nisso. A Maria também, mas como mora em Brasília, foi mais difícil.

Eu escrevia os capítulos e lia com a Cecília. Ela falava: “Tá chato.” Ou “Tá grande.”

E eu explicava, e ela perguntava: “Mas o que é isso?”

Então, foi muito interessante ir conversando com ela.

Obviamente, a edição ajuda muito também. E acho que o Brasil exige isso da gente.

Exige que consigamos falar para além da bolha, conseguir estar junto.

Isso era o espírito da Marielle. Uma pessoa que falava com todo mundo, do jeito que fosse necessário para se fazer comunicar.

Hugo

Acho que minha pergunta vai nessa direção...

Flavinha

Se apresenta, amigo.

Hugo

Ah, foi mal. Eu sou Oliveira, sou pesquisador aqui.

Não tive uma relação com a Mari de amizade e de trabalho. Conheci ela em várias dessas loucuras da justiça social, em noites na favela, nos processos de remoção de moradores da Providência...

Então, alimento muito a imagem da Mari não só nesses lugares midiáticos, mas como alguém que eu vi muito próximo enfrentando coisas e eu pensava: “Cara, o que essa mulher tá fazendo aqui a essa hora? Como ela consegue?”

Ao mesmo tempo, era inspirador para caramba. Uma coisa que me levou a fazer, por exemplo, criar o pré-vestibular, uma homenagem a ela.

E aí tem uma coisa que acho interessante no livro, que você mencionou agora: falar mais sobre a Mari do que sobre o que fizeram com ela.

O Brasil conta muito pouco a história dos nossos heróis, né?

E você tá falando que a Mari, inclusive, entrou nesse panteão internacional, junto com grandes nomes da justiça social, da luta pelos direitos humanos...

Como foi construída essa relação? Porque tem a organização do Instituto, mas como é que isso chegou até você?

Como foi feita essa conexão? Como chegou, por exemplo, a própria editora até você?

Ou foi a família que fez esse caminho?

Acho que é legal explicar isso porque, para a gente que é favelado, às vezes esses caminhos ficam muito ocultos, muito subjetivos.

Pamella

Acho que posso começar falando sobre essa questão dos heróis, né?

Eu sou historiadora de formação e não acredito nessa construção de um herói único, de uma heroína única.

Para mim, é muito nítido e falo muito disso: Marielle só foi gigante porque era comum. Porque ela chegaria aqui e perguntaria sobre a sua filha, sobre o seu filho. Perguntaria como você vai voltar para casa, se você está com fome.

Ela tinha uma capacidade imensa de lembrar de todo mundo.

Se ela encontrasse o Caíque hoje e soubesse que ele estava com anemia, daqui a dois meses ela perguntaria: “Melhorou da anemia?”

Pamella

Ela fazia você se sentir especial.

E lembro nitidamente, por exemplo, da cena do velório dela. De ver aquela praça cheia e de ver as pessoas chorando de um jeito profundo, por alguém que, muitas vezes, nem tinham conhecido pessoalmente.

Esse livro vai falar dessa Mari.

Dessa Mari que tentou entrar no vestibular várias vezes e não conseguiu. Dessa Mari que tinha uma jornada tripla de trabalho, que estudava, trabalhava e cuidava da filha pequena, deixando ela para um e para outro.

E acho que as pessoas vão se identificar com essa história.

Não num tom de «querer é poder», mas num tom de «a vida é dura, bebê», como ela mesma dizia.

E nós vamos seguir. Vamos nos apoiar uns aos outros.

Agora, sobre esse caminho da publicação, acho que o Instituto Marielle Franco virou esse grande catalisador.

A família dela tem sido gigante. A Anielle, a Luyara, que agora está à frente do Instituto. Dona Marinete, que não sei de onde tira tanta força. Seu Toninho, incansável...

O Instituto foi convidado pela editora e, naquele momento, elas passaram o convite para mim.

Fiquei surpresa. “Um livro infantil? Eu?”

E foi muito a partir desse papo sobre a Cecília que fui percebendo que minha filha estava esquecendo quem era a madrinha dela.

Porque o que ela ouvia era só o que saiu na mídia.

Então, quis trazer para o livro essa madrinha que adorava passar férias na Paraíba.

Essa madrinha que gostava de brincar na rua, que teve festa de 15 anos... Aliás, agora já tenho um problema, porque a minha filha também já quer uma festa de 15 anos!

Quis trazer esses detalhes, essas alegrias.

E acho que a Mari era uma pessoa que abria portas e caminhos, sem medo de abrir para outras pessoas.

Porque a gente vive num mundo, inclusive na militância, onde aquela frase “uma sobe e puxa a outra” é muito bonita, mas às vezes a pessoa sobe e diz: “Vou te puxar até a metade do caminho.”

A Mari não tinha isso.

Ela subia e puxava geral!

Isso, às vezes, causava problemas para ela. Às vezes, ela tomava rasteira. Mas ela tinha noção da força dela e apostava na coletividade, apostava no afeto.

Espero que esse livro semeie isso nas crianças e adolescentes que vão ler.

Gabriel

Eu sou o Gabriel Nunes, trabalho aqui no Dicionário de Favelas e nos verbetes.

A gente vê muitos trabalhos sobre memória, mas geralmente o público-alvo é adulto.

São textos longos, entrevistas, e quase não há materiais voltados para crianças.

E você faz justamente o movimento contrário: está falando de memória para crianças.

Qual é a importância disso?

Pamella

Para mim, a importância é construir o futuro do Brasil que a gente quer.

A gente fala muito sobre como queremos que o amor vença o ódio. Mas isso não vai acontecer se falarmos só com os nossos pais ou com adultos.

As crianças e adolescentes muitas vezes não conhecem a história da luta.

Ou conhecem, mas ela está num livro de 300 páginas, que não tem como competir com o TikTok.

E a Mari era isso. Ela gostava de dar aula para vestibular, gostava de estar com o povão, gostava de fazer dancinha.

Então, falar com esse público é fundamental.

A gente precisa acreditar na infância.

Tem uma foto da Mari no Ocupa, não lembro se foi no Salgueiro ou no Borel. É a capa do livro do Espaço Coruja.

Ela está super brincando com as crianças.

Ela acreditava muito nisso, nessa criança que olha para as coisas e pergunta:

“Mas por que menino não pode brincar disso?”

“Por que menina pode?”

“O que é preconceito?”

As crianças são ensinadas a reproduzir racismo, homofobia. Mas elas também podem ser ensinadas a questionar.

E isso pode ser desconstruído de forma muito simples.

Espero que essa linguagem do livro chegue nas escolas, nas famílias.

Que seja um livro para dar de presente para afilhado, para ler junto.

No final, tem até um quiz para testar o que aprenderam.

Flavinha

Você falando da Maré, né? Isso me faz lembrar... A gente sempre brincava que a Maré tem muitas diferenças internas. A Mari era cria do Conjunto Esperança, né? A gente brincava que lá eles soltavam pipa pela janela, porque é diferente mesmo.

O Conjunto Esperança é tipo a Zona Sul da Maré, sabe?

E aí, ouvindo você falar, me vem muito essa Mari brincalhona, preocupada com a gente o tempo todo, mas que também modificava a vida das pessoas.

Hoje eu moro no Conjunto Esperança, mas quando comecei a trabalhar com a Mari, morava na Vila Pinheiro. Depois, minha casa foi invadida...

E você falando disso, lembro da Mari fazendogostava, e também como ela dirigia, né?

Ela ia para a Paraíba dirigindo, Seu Toninho dormia, e ela tocava a viagem até lá.

Então, eu queria que você falasse um pouco sobre como foi transcrever isso para o livro.

Porque você está lidando com uma memória muito viva.

Flavinha

A execução da Mari completa sete anos agora.

E todas as pessoas que você mencionou — Seu Toninho, Dona Marinete, a própria Luyara — conviveram com ela.

Como você conseguiu transcrever essa memória para o público infantil e infantojuvenil?

Pamella

Olha, primeiro foi um trabalho de pesquisa.

Tive que ir direto para as fontes primárias, sentar para conversar com o Seu Toninho, com a Dona Marinete...

Porque muita gente acha que eu era amiga da Mari desde a infância, mas não.

A gente se conheceu na militância, na época da primeira campanha do Marcelo Freixo.

E tem um detalhe curioso...

Naquela época, pessoas da própria militância falavam para a Mari: “Você conhece a Pamella? Porque ela é funkeira, católica, feminista e barraqueira.”

E falavam a mesma coisa para mim sobre a Mari.

Ou seja, as pessoas estavam tentando nos aproximar por acharem que tínhamos características diferentes, inusitadas.

Quando nos conhecemos, nos amamos imediatamente. Foi como se fôssemos amigas desde sempre.

Essa amizade foi crescendo.

Então, quando surgiu esse convite, fui pesquisar mais a fundo sobre a vida dela.

Passei horas mergulhando nas fotos que Seu Toninho e Dona Marinete me deram.

E, ao ver a foto da primeira comunhão da Mari, lembrei muito da minha própria foto de primeira comunhão.

A roupa branca longa, o cabelo bem diferente do que uso hoje...

Fui me conectando com essa alegria dela, mas também com as dificuldades.

Porque ela também tinha que administrar a vida, trabalhar, estudar, cuidar da filha, ajudar em casa.

Foi um processo que me aproximou ainda mais da minha amiga.

E um dos capítulos mais difíceis de escrever foi o da sua ausência.

Eu percebi que, no momento da execução, ela estava no auge da sua trajetória.

Mas, ao mesmo tempo, era como se eu ouvisse ela dizer:

“Ah, é isso mesmo. Vamos continuar. A vida segue. Qual vai ser o próximo capítulo?”

Porque a Mari nunca se via como alguém que chegava ao fim de um ciclo.

Ela queria sempre seguir em frente.

Então, escrever sobre isso foi um desafio emocional muito grande.

Mas também me ajudou a reforçar essa ideia de que ela é semente.

E quando você fala da Maré, Flavinha, acho que é importante destacar que, embora o livro tenha um alcance nacional, tentei trazer referências à Maré.

Tem uma ilustração de uma casa de palafita, por exemplo.

E espero que, quando o livro chegar às escolas da Maré, ele seja um gatilho para debates.

Que as crianças possam olhar para ele e perguntar:

“Vamos fazer um mapa da Maré?”

“Quem mora onde?”

“Como era quando a Mari morava aqui?”

Pamella

O livro menciona que a Mari viu o mar pela primeira vez aos 13 anos e que, quando chegou lá, não pôde correr.

Quantas crianças já passaram por isso?

Então, além de ser um livro de memória, quero que ele seja um livro que gere perguntas e reflexões.

Caíque

Desculpa, vou pegar um gancho nisso que você falou sobre o livro ser nacional.

E sobre a possibilidade de internacionalização.

Você já tem algum planejamento para isso?

Pamella

O contrato que tenho agora é para o livro em português.

Mas o livro faz parte de uma coleção internacional.

Então, depende muito do público, das vendas, do interesse do mercado.

Mas eu espero que sim!

Caíque

Acho muito importante.

Porque o livro é para crianças, e eu fico pensando: existem outros livros infantis que contam a história da Mari?

E, se a gente pensar globalmente, existe uma geração que está sendo disputada pelo ódio.

Desde a posse do Trump, pesquisas mostram que a extrema-direita está conseguindo alcançar a juventude.

Isso aconteceu na Argentina, nas eleições recentes da Alemanha...

Aqui no Brasil, percebemos mudanças na juventude de 16, 17 anos.

Se antes falávamos muito sobre emancipação e insurgência, agora escutamos mais sobre casamento e família tradicional.

Isso nos mostra que há uma disputa global acontecendo.

E acho que contar a história da Mari também é disputar o mundo, disputar a esperança.

Por isso, acho que seu livro é fundamental.

E aí, queria te ouvir um pouco sobre isso.

Porque estamos chegando a mais um 14 de março.

Sete anos da execução da Mari.

Ano passado, já se falava que seis anos era tempo demais.

Um dia já seria tempo demais, na verdade.

Mas a gente chega a sete anos com algumas mudanças.

Tivemos avanços na investigação, compromissos do Estado para a elucidação do crime, prisões...

Então, como você vê esse momento?

E quais são as nossas tarefas agora?

Pamella

Olha, primeiro, acho que precisamos entender que memória também é uma luta política. E esse livro é um jeito de dizer: nós não esqueceremos.

Nem tudo se encerra num tribunal.

E acho que isso é o que mais incomoda aqueles que tentaram nos silenciar.

Porque nós não nos calamos.

Porque nós não nos calamos.

E se a gente for olhar para a história, isso sempre foi assim.

Recentemente, estava dando aula sobre como os processos de justiça e memória foram diferentes no Brasil, na Argentina e no Chile.

No Brasil, tivemos a Comissão Nacional da Verdade, mas ainda estamos em 2025 lutando pela abertura de arquivos da ditadura.

Enquanto isso, na Argentina, temos a ESMA, aquele grande espaço de memória. No Chile, há um estádio inteiro como local de memória.

Então, para mim, fazer memória é também fazer justiça.

Porque nem sempre a justiça institucional dá conta de tudo.

E se a justiça lá não faz nada, faremos todos daqui.

Gabriel

Muito forte isso. E muito necessário.

Já falamos da Mari militante, da Mari vereadora, da Mari semente.

Agora, queria saber da Pamella.

Quem é Pamella Passos? Para quem não te conhece, como você se apresentaria?

Ai, essa pergunta é complexa!

Pamella

Bom, sou Pamella Passos. E até meu nome completo, com sobrenome, foi algo que aprendi a afirmar.

Porque sabemos que há um apagamento das mulheres negras na história.

Inclusive, no livro, tem uma revelação para quem não sabia: o nome completo da Mari era Marielle Francisco da Silva.

E por que isso nunca foi dito? Porque muitas vezes tentam apagar as nossas origens.

Eu sou historiadora, professora titular do Instituto Federal do Rio de Janeiro, onde dou aula de Direitos Humanos.

Sou feminista, católica da teologia da libertação, funkeira.

E sou uma pessoa que acredita que a política deve ser um espaço de bem viver.

Porque não dá para aceitarmos a desigualdade como algo natural.

E, principalmente, sou mãe e educadora.

Flavinha

E acolhedora dentro da política também, né?

Porque a gente sabe que, sem acolhimento, a política se torna um espaço muito árido.

Trabalhamos juntas no gabinete da Mari.

E lembro do momento difícil quando precisamos desligar dez pessoas depois da que uma Lei na Camara caiu.

Foi você quem garantiu que isso fosse feito com cuidado, com acolhimento.

Isso faz toda a diferença.

Pamella

Sim, Flavinha. Porque a política não pode ser só disputa.

Tem que ter afeto, tem que ter solidariedade.

A Mari era assim. Ela cuidava das pessoas.

Flavinha

E a gente tem se reencontrado, né?

Só que agora em lugares de vitória também, não só de luta.

Por exemplo, quando conseguimos que a escola na Maré levasse o nome completo: Escola Municipal Vereadora Marielle Franco.

Isso era muito importante porque foi uma escolha dela.

Ela quis ser vereadora.

Pamella

Exato. E isso precisa ser lembrado.

A Mari escolheu essa trincheira da política institucional.

E a campanha dela foi a mais bonita que já vi na vida.

Poucos apostavam nela.

O próprio partido não acreditava tanto assim.

Mas ela acreditava.

E quando venceu, fez questão de mostrar que aquele mandato era coletivo.

Flavinha

E isso se reflete na memória dela até hoje.

Porque a gente fala de Marielle, e falamos de uma multidão.

Ela virou um grande girassol, uma referência global.

Pamella

Sim. E essa é a maior vitória dela.

A tentativa era silenciá-la.

Mas o que aconteceu foi o contrário.

Hugo

E pensar nisso me faz refletir sobre um ponto...

O livro é um material riquíssimo do ponto de vista pedagógico.

Como você imagina que ele pode ser trabalhado em sala de aula?

Porque cada professor tem sua liberdade didática.

Mas se você pudesse sugerir um caminho, qual seria?



Pamella

Olha, o livro pode ser trabalhado de várias formas.
Pensando na educação formal, por exemplo, a biografia costuma ser abordada no quinto ano do Ensino Fundamental.
Mas o tema volta no Ensino Médio, então ele pode ser usado nesses dois momentos.
Uma possibilidade é fazer um trabalho comparativo:
O que está no livro e o que mais pode ser descoberto sobre a Mari?

Pamella

O que os alunos gostariam de acrescentar ao verbete dela?
Tem também uma seção do livro chamada *Para Pensar*, que traz questões para debate.
Vou dar um exemplo:
“Marielle tinha muitas responsabilidades quando criança, mas sempre conseguia brincar. E você? Faça uma lista com suas brincadeiras prediletas e suas responsabilidades.”
Isso pode gerar um debate sobre desigualdade.
Porque numa mesma turma, algumas crianças podem ter poucas responsabilidades, enquanto outras precisam cuidar dos irmãos mais novos.
Isso pode levar a uma conversa sobre desigualdade de gênero, trabalho infantil...
Ou ainda sobre o direito de brincar.

Hugo

Muito interessante.

Pamella

Tem outra parte que fala sobre fake news.
“Mito ou fato: podemos compartilhar qualquer coisa na internet sem consequências?”

Pamella

E o livro já traz a resposta explicando que espalhar mentiras é crime e pode prejudicar outras pessoas.
Ou seja, ele pode ser trabalhado de várias maneiras.
E não precisa ficar restrito à literatura ou à história.
Dá para usar em geografia, discutindo o território da Maré.
Dá para usar em ciências sociais, refletindo sobre política.

Caíque

Isso tudo é muito inspirador.
E nos ajuda a pensar nosso próprio trabalho no Dicionário de Favelas Marielle Franco.
A gente está sempre buscando formas de transformar esses conteúdos em materiais pedagógicos.
Porque muitas vezes, quando falamos sobre favela, a história não é contada pelos próprios moradores.
Então, esse tipo de trabalho ajuda a mudar isso.

Pamella

E sabe o que seria legal?
Vocês podiam lançar algo como um “Verbetinho Marielle”.
Uma chamada para escolas, onde crianças e adolescentes escrevem suas próprias versões do verbete sobre ela.
Seria uma forma de interação entre o dicionário e esse público mais jovem.
E, claro, poderia começar pela Maré.

Flavinha

Nossa, adorei a ideia!

Flavinha

A gente tem uma reunião essa semana justamente para pensar em metodologias para oficinas de verbetes.
Vou levar isso para o grupo.

Pamella

Vai ser lindo.

Flavinha

Agora, quero te agradecer muito, Pamella.
Por confiar na gente para essa entrevista presencial.
Por trazer essa memória da Mari viva e pulsante.

Pamella

Eu que agradeço.
Espero que esse livro traga mais sorrisos do que lágrimas.
Porque Mari era isso: força e alegria.

Como Adquirir o Livro

O livro estará disponível para compra em diversas livrarias físicas e online. Parte da renda arrecadada será destinada ao Instituto Marielle Franco, contribuindo para a continuidade de seus projetos e ações.

“Espero que esse livro vá parar em muitas escolas, que seja um presente para afilhados, sobrinhos, netos. Que seja um material de referência para professores e educadores. Porque a história da Marielle precisa ser contada e reconhecida por todos.”

— Pamella Passos, entrevista para o Dicionário de Favelas Marielle Franco

Por fim, a autora nos convoca a uma reflexão. Muita gente se questiona se todos os temas podem ser tratados com o público infantil. Sem dúvidas, para Pamella, uma potente ferramenta para dialogar com esse público e construir outro mundo – como Marielle fez tantas vezes - é ensinando as crianças a questionar.

“As crianças são ensinadas a reproduzir racismo, homofobia. Mas elas também podem ser ensinadas a questionar”

— Pamella Passos, entrevista para o Dicionário de Favelas Marielle Franco

Para mais informações sobre onde adquirir a obra, acesse o site do Instituto Marielle Franco ou consulte as principais plataformas de venda de livros.

Dados do Livro

Título: A História de Marielle

Subtítulo: A Primeira Biografia Infantojuvenil

Autora: Pamella Passos

Ilustradora: Yasmin Celeste

Editora: Astral Cultural

Ano de publicação: 10 de março de 2025

Edição: Colorida

Número de páginas: 80 páginas

Formato: 13,5 x 1 x 21 cm

ISBN-13: (aguardando divulgação)